



DEMOCRACIA VIVA 42

MAIO 2009



ENTREVISTA

ENTREVISTA

Itamar Silva

Ele é da ala dos atrevidos. Mas é de um atrevimento diferenciado, capaz de aliar tranquilidade, confiança e coerência em cada passo que dá. Esses passos, geralmente, seguem em direção ao bem-estar e à melhoria da qualidade de vida no Santa Marta, favela dona de seu coração, localizada no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro – atualmente ocupada pela Polícia Militar como

parte de ação do Estado para transformá-la em exemplo de “legalidade”. Ali, ele nasceu, cresceu, casou, criou seus dois filhos. E de lá não pretende sair. Pelo menos, não tão cedo. Nesta entrevista à DV, o jornalista e líder comunitário, que há cinco anos é um dos coordenadores do Ibase, revela traços de sua trajetória pessoal e profissional, marcada pela atuação como ativista social e defensor dos direitos humanos da população de favelas da cidade. Não é uma atuação simples de abraçar, ainda mais considerando todas as campanhas do Estado, intensificadas pela mídia, de pró-remoção e segregação das favelas cariocas. “Não está sendo fácil participar desta entrevista. De modo geral, tento me expor pouco. Acho que temos de ser vistos pelo que fazemos, pelo que ocorre a partir do trabalho e da militância. Mas fico lisonjeado com essa atitude do Ibase de me convidar e da Cleonice [Dias, conselheira da revista] por ter nos ajudado a enfrentar esta questão de entrevistar ou não uma pessoa da casa. Isso só abre possibilidades para outras experiências e trajetórias que temos aqui”, afirma. E nós só podemos agradecer por sua generosidade em compartilhar sua vida conosco. Salve, Itamar!



Democracia Viva (DV) – Poderia começar falando sobre suas origens?

Itamar Silva – Nasci no Santa Marta. Meu pai vem de Itaperuna, norte do estado, minha mãe, de Campos. Meu pai vai morar no morro de São Carlos e minha mãe, muito nova, vai ser empregada doméstica em Copacabana. Eles se encontram no Rio de Janeiro, frequentavam as mesmas festas. Depois de casados, moraram primeiro em Padre Miguel, na Vila Vintém, e, depois, foram para o Santa Marta porque já havia uma tia que morava lá. Isso foi em 1955, pouco antes de eu nascer. Toda a minha gestação foi passada no Santa Marta. Eu seria o terceiro filho, mas os dois primeiros morreram.

DV – Seu pai é uma pessoa voltada para a cultura, certo?

Itamar – Sim, meu pai foi muito boêmio, desde a juventude. Sempre cantou, gostou de música, da noite. Ele trabalhava no almoxarifado da Exposição Carioca, uma grande loja de departamentos que funcionava no Largo da Carioca, e que depois acabou. E cantava na noite. Muito rapidamente, ele construiu uma relação de amigos no Santa Marta que deu o desenho de como seria a nossa casa.

DV – Ele era folião e um dos organizadores da Folia de Reis no Santa Marta?

Itamar – Sim, ele sempre foi uma figura interessante. Em geral, as pessoas pensam, pai pobre não liga para os filhos ou vive bêbado. Não é verdade. Meu pai sempre foi boêmio, mas manteve uma relação muito boa com os filhos. Nunca apanhei dele. Lembro uma vez de ele ter dado uma bronca mais forte, e só aquilo foi um trauma. Minha mãe é quem batia. Ela chegava do trabalho cansada, ouvia reclamações dos vizinhos e fazia esse papel de dar bronca, de bater. Meu pai, não.

Por outro lado, ele tinha essa vida para fora, com a música, o samba, a Folia de Reis. Meu pai é folião desde muito tempo, antes de ser mestre de Folia de Reis, ele foi folião na Ilha do Governador. Depois, trouxe a Folia para o Santa Marta e assumiu esse papel de mestre de Folia. Mas agora, penso que meu pai deixava tudo para a minha mãe, o pesado de educar, ficava pra ela. Tínhamos uma figura de pai muito legal, amiga, ele é assim até hoje.

DV – E sua mãe?

Itamar – Minha mãe foi empregada doméstica a vida toda. Quando estava com 1 mês de nascido, ela voltou a trabalhar. Na verdade, eu ficava uma parte do dia com minha avó e o

restante do tempo com minha mãe. Depois, vieram outros irmãos. Dos vivos, sou o mais velho, vieram mais quatro irmãos, dois homens e duas mulheres. Lá pelas tantas, meus pais acharam que tinha pouca gente na casa e adotaram uma menina, então somos três mulheres e três homens vivos. Minha mãe trabalhou como empregada doméstica até o ano passado (2008), quando se aposentou. E triste da vida, porque a patroa morreu.

DV – Essa avó que morava com vocês era paterna?

Itamar – Sim. Tem uma história interessante em torno do nome dela. A vida toda, conheci minha avó como Maria Alves Diniz, a gente a chamava de Quinha. Quando ela precisou entrar com um processo para conseguir a aposentadoria, tivemos de voltar à sua cidade natal para tirar um novo registro. E aí, descobrimos que não existia Maria Alves Diniz. Seu nome correto é Maria Aurora da Silva. Não sei porque a família dela ficou conhecida na cidade como Família Diniz. O mesmo ocorre com meu pai, todos os conhecem como José Diniz, mas seu nome de fato é José Silva. Isso nos causou um problema mais tarde: minha avó tinha uma poupança, pequenininha, e, quando morreu, ninguém pôde mexer porque a documentação não batia, seria um processo tão trabalhoso que preferimos deixar pra lá.

DV – Ela era uma referência no Santa Marta, não é?

Itamar – Sim, como rezadeira, cumpriu um papel importante. Minha casa tinha duas entradas, uma da parte do meu pai, que eram os amigos músicos, boêmios, do futebol, e as pessoas que vinham buscar minha avó para rezar. Um fato interessante era a reação dela diante de certas situações. Às vezes, chegavam lá com uma criança passando mal e ela rezava, mas dizia, 'Isso é coisa de médico'. Era uma sabedoria que só pude avaliar muito tempo depois, ela não deixava que essa posição, esse saber, fosse maior que a realidade com a qual ela estava lidando e as vidas daquelas crianças. Tinha um amigo médico, que morou três anos no Santa Marta, o Zé Luís, que tinha uma relação engraçada com minha avó. Tanto ele respeitava o ofício dela como ela reconhecia aquele profissional.

DV – Qual era a religião da família?

Itamar – Lá em casa, religião nunca foi algo muito forte, acho que somos uma típica família católica brasileira. Minha avó era médium, meu pai também é. Minha mãe adora ir a uma macumba, bater palmas, mas não tem

nada de médium, o maior sonho dela seria pegar um santo, mas nada acontece. Mas todo mundo é batizado, minha avó não perdia uma Missa do Galo, participava dos rituais da Igreja Católica. E como minha avó era rezadeira, na minha casa, sempre se puxou ladainha. Eu acompanho ladainha desde pequeno, adoro rituais, acho que minha religiosidade tem a ver com isso. Mas depois que fiz Primeira Comunhão, não quis mais saber de nada de igreja ou de religião. E fiquei assim, com uma relação distanciada da religião, até a chegada do padre Agostinho no Santa Marta. Aí, é uma outra igreja que se apresenta, mais progressista, falando de outras questões. Eu retomo essa questão das celebrações, dos rituais, a partir de uma outra discussão.

DV – Como lidou com o episódio da morte dela?

Itamar – Isso foi em 1988, houve uma chuva no Santa Marta, com vários desabamentos, e a casa dos meus pais veio abaixo. Minha avó estava em casa, era véspera de carnaval, lá pelas 5 horas da tarde. Eu já não morava mais lá, mas sim do outro lado do morro. Chovia muito e ouvi o barulho das casas vindo abaixo. Fiquei descontrolado, procurando minha família. Se o desabamento fosse duas horas mais tarde, minha família toda teria morrido porque, como era véspera de carnaval, todo mundo se reunia para assistir ao desfile na casa



dos meus pais. Costumo dizer que minha avó, como mais velha, cumpriu o papel de morrer pela família. Porque, intuitivamente, ela pediu para meus sobrinhos comprarem pão um pouco antes daquele momento. Minha cunhada, que estava em casa, com a filha menor, ficou presa entre os escombros e teve um problema sério na perna, e minha sobrinha se machucou um pouco, mas se salvou. Só fomos encontrar minha avó oito horas depois.

Foi uma perda muito grande para a família, com certeza, mas para o Santa Marta, para a favela, onde ela era uma referência forte. Esse foi um momento muito difícil para mim. Na época, estava na direção da associação de moradores e, muito rapidamente, tinha que cuidar de outras tantas pessoas, conversar com a prefeitura para resolver os problemas, tive que transformar aquele momento em outra coisa. Morreram nove pessoas, 43 casas foram abaixo, muitos ficaram desabrigados. Foi um momento de muita dureza, mas a gente aprende muito. Fico impressionado como a gente pensa que não tem resistência, que não tem condição de enfrentar, mas acaba enfrentando.

DV – De onde tira serenidade em momentos difíceis?

Itamar – Esta é uma resposta que não tenho. Posso responder com a minha vida, com os meus atos. Não sou sempre sereno, mas tento buscar uma certa tranquilidade, principalmente nos momentos mais difíceis. Onde eu busco força para isso? Meus pais são uma referência legal. O exemplo da minha mãe, criou tantos filhos, na dificuldade, e nunca a vi se lamentando, isso é uma marca, não lembro de lamentos dela, nem do meu pai, nem da minha avó. Essa marca, da lamentação do sofrimento, não há. Não que o sofrimento não estivesse presente, vivemos várias passagens difíceis.

DV – Seus pais eram exigentes com seus estudos?

Itamar – Esta era uma marca não só da minha mãe, mas de muitas mulheres pobres. Imagina que, nos anos 60, entrei no Jardim de Infância, com três anos e meio. Isso não era normal nessa época, era muito cedo. Entrei para uma escola experimental, pública, mas de excelência, em Botafogo. Para entrar, tinha que ser por sorteio. Assim, consegui ser alfabetizado muito cedo. Quando saio de lá, entro para a escola pública já alfabetizado.

Sou da época em que se estudava até a admissão, eram seis anos e eu saltei um ano por conta de ter uma base boa, isso foi na quarta série. Naquele momento, fazer o ginásio em

colégio público era sinal de ser bom aluno ou gente importante. Porque haviam os colégios públicos de qualidade ou as escolas religiosas, que eram as melhores, ou os colégios estrangeiros. O resto era PP, pagou, passou. Para a minha mãe, tudo isso era uma alegria muito grande. Ela estudou até a terceira série primária. Meu pai terminou o primário, e fez, depois de adulto, até a segunda série do ginásio, mas não completou. Nessa história da mãe fazer força pra gente estudar, quando olho pra trás, percebo que ela nunca fez isso com sofrimento.

DV – E quanto a seus irmãos e suas irmãs?

Itamar – Sim, lá em casa todo mundo estudou. Dos seis, eu, Fatinha e Cleide temos nível superior; Riquinho e Ronaldo fizeram cursos técnicos, e a outra irmã só fez até a primeira série do segundo grau, mas todo mundo teve oportunidade de estudar.

DV – Sofreu preconceito na escola?

Itamar – Comecei a perceber isso quando estudei na Escola México, em frente ao Santa Marta. Quando entrei, tinha muitos amigos de lá. Já na terceira série, lembro de uma amiga, uma menina negra, a Jandira, que estudava na minha sala. Eu era pobre, mas ela era muito mais. Foi uma época dramática. Meu sonho de consumo era ter uma caixa de lápis de cor com 36 cores, que tinha cores que nunca nem havia imaginado, mas eu tinha uma caixa pequena, de 12, ela não tinha nenhuma. Ela sofria muita discriminação da turma, eu me relacionava bem com todo mundo. Tanto assim que, no fim do ano, ela saiu da escola, só retomou os estudos dez anos depois. Já na quarta série, sou o único da favela naquela escola. Meus colegas de colégio eram da classe média. Mas nunca consegui desenvolver uma relação muito profunda com essas pessoas porque eu continuava com minha crença nas favelas. Isso vai me acompanhar para sempre.

DV – Estudava na casa de colegas e os levava para estudar na sua casa?

Itamar – Nunca, essa possibilidade jamais foi sequer colocada, eu também não ia na casa deles. Só lembro de um amigo, o Orlando, fui fazer dois trabalhos na casa dele, isso no primário. E no ginásio, lembro de outro amigo, o Alfredo, um cara branco que morava em Botafogo.

DV – E as namoradas, eram da escola ou da favela?

Itamar – Sempre da favela. Eu vou falar uma coisa forte: nunca me permiti namorar alguém de fora da favela. Nesse período, 1977,

1978, a classe média começa a subir o morro, é um momento de muitos casamentos interclasses. Mas sempre fiz questão de marcar o lugar das relações políticas e o lugar das relações pessoais. Essa consciência aparece muito cedo e aí eu comecei a fazer também as minhas separações.

DV – Poderia aprofundar um pouco essa questão a partir do recorte racial?

Itamar – A consciência da questão racial vai acontecer no ginásio, a partir de uma experiência marcante na casa do Antonio Trajano, que morava em um prédio em Laranjeiras. Estudávamos no Largo do Machado. Ele me convida para ir a casa dele, estou sentado na sala quando chega a sua mãe. Ele me apresenta a ela, que chama a empregada: ‘Fulana, vem aqui ver que garoto bonito, olha o nariz dele como é afiladinho, as feições tão finas...’. Ali, naquele momento, eu sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não tinha repertório para reagir, para falar qualquer coisa, fiquei muito incomodado. Saí dali com raiva dele e comentei: ‘Nunca mais volto na sua casa’. Mas ele não deu muita atenção, não sabia o que estava acontecendo, tínhamos 12, 13 anos. Mas para mim, a minha consciência da questão racial ficou clara, primeiro, de que era uma discriminação comigo e com a empregada dela, que era negra também. A partir daí, comecei a buscar mais informações, a pesquisar essas questões. Mas não havia muito espaço para discutir isso nem no morro, nem na minha família.

DV – Contou a sua família esse fato? E seus irmãos, passaram por situações semelhantes?

Itamar – Só fui contar esse episódio em casa muitos anos depois. Guardei isso pra mim, serviu para marcar um pouco a minha vida. Meus irmãos estudaram nas mesmas escolas que eu: primeiro, na Escola México ou na Abílio Borges, perto do Santa Marta; depois, o ginásio, cada um estudou em um lugar. Mas minha irmã Cleide contava casos de discriminação na escola. Ela sofria muito. Tinha o cabelo curtinho e tinha que esticar, mas ela não queria fazer aquilo. Minha mãe chegou a ir na escola porque tinha um grupo mexendo com ela.

DV – Era bom aluno?

Itamar – Nunca fui um aluno brilhante, mas sempre estive acima da média. Nunca tive dificuldade de estudar, alguma coisa que me atropelasse. Entrei no ginásio com 11 anos, e minha primeira participação em passeata foi



no colégio Amaro Cavalcanti. O colégio estava caindo aos pedaços e o pessoal do científico fez uma manifestação até o Palácio Laranjeiras, onde funcionava o governo. No primeiro dia de aula, estava cheio de ovo na porta, o pessoal do científico nos impedindo de entrar. Em vez de voltar pra casa, pensei, 'Já estou aqui mesmo', e fui junto com a passeata até o Palácio. No segundo ano, encontrei um grupo de amigos, a gente fazia muita farra e eu acabei repetindo de ano. Foi lamentável, fui muito severo comigo mesmo, cortei a relação com todos esses amigos.

DV – Mas era 1968, todo mundo ficou com a cabeça meio bagunçada, não é?

Itamar – As informações que tenho de 68 vieram do meu tio Gilson, irmão do meu pai, que estava servindo o Exército. Um dia, ele teve que ir pra rua para reprimir estudantes e chegou muito revoltado em casa, comentando essa história. Ele sentia uma certa revolta com esse papel que estava exercendo. Na minha casa, minha avó era getulista na alma, e meu pai também. Por isso, a questão política sempre esteve muito presente, eles ouviam os noticiários políticos pelo rádio. Quando houve o golpe, lembro do meu pai chorando em casa ao ouvir a notícia.

DV – Com quantos anos começou a trabalhar?

Itamar – Aos 17 anos, comecei como *office-boy* em uma financeira que fazia liquidação extrajudicial chamada Price. Àquela altura, como pobre, já estava velho para começar a trabalhar porque qualquer menino do Santa Marta, incluindo meus irmãos, começa aos 14 anos. Mas como minha família sempre me estimulou a estudar, e eu não tinha problemas com o estudo, meus pais foram tentando segurar o máximo que podiam. Só que, é claro, havia uma pressão por mais dinheiro. Minha mãe trabalhava numa casa cujo patrão trabalhava no Banco Central, que era liquidante dessa financeira. Esse triângulo era muito comum e esse lugar do mensageiro era o lugar do filho da empregada, do filho dos pobres. Isso hoje acabou, o mensageiro não tem mais esse perfil. Trabalhei lá por quase três anos.

DV – Depois que saiu desse emprego, foi trabalhar onde?

Itamar – Com 19 anos, fiz um concurso público para a Embratel e passei. Saí de 1 salário mínimo para 10 salários. Nesse período, também entrei na faculdade. Na verdade, só pude cursar uma faculdade particular por causa do trabalho na Embratel. Trabalhava na parte administrativa, no setor de benefícios.

DV – Não tentou uma vaga em universidade pública?

Itamar – Na época, fiz o vestibular unificado, a mesma prova para todas as universidades. Com os pontos que fiz, cheguei bem perto de entrar para o jornalismo vespertino da UFF [Universidade Federal Fluminense], mas acabei ficando na Faculdade Hélio Alonso (Facha), em Botafogo. Ter entrado na Embratel e na faculdade ao mesmo tempo foi muito bom.

DV – Por que escolheu fazer jornalismo?

Itamar – Eu queria ser correspondente de guerra. As grandes revistas naquele momento, as quais eu tinha acesso, eram Manchete e Fatos & Fotos. Era a cobertura da Guerra do Vietnã, as grandes reportagens eram sobre isso, eu fiquei interessado nesse outro mundo. Quando fiz o segundo grau, cursei técnico em contabilidade porque meu pai achava que eu devia ser contador. Mas quando escolhi o jornalismo, queria tentar outras praias. O que me motivou primeiramente foi isso, mas foi uma motivação que passou rapidamente também.

DV – O que o motivou a sair da Embratel para o Banco do Brasil?

Itamar – Não queria fazer essa prova, já tinha tentado há muitos anos, quando estava com 18 anos, e não passei. Dessa vez, minha irmã foi fazer a prova, fui fazer companhia, acabei passando, e ela não. Quando o banco me chamou, fui ganhar menos do que ganhava na Embratel, mas trabalhava só seis horas, foi a glória. Nunca quis trabalhar em agência, sempre trabalhei na parte de apoio, saía dali, esquecia completamente o banco, ia para o Santa Marta, para a associação. O problema disso é que fiquei 18 anos lá sem conseguir promoção. As promoções dependiam de fazer hora extra, cursos, eu nunca fazia nada. Isso tudo foi criando um desgaste. Por exemplo, por conta da organização da colônia de férias do Grupo ECO, em janeiro, tinha que me ausentar por 15 dias. Quando começa o ano, no Banco do Brasil, o funcionário tem direito a cinco dias de licença, que pode ser tirado quando quiser. A outra semana eu faltava e pronto. Mas nunca fui um funcionário relapso, esse era um ponto de contradição na minha relação com o banco.

DV – Nem fez movimento político no banco?

Itamar – Fui delegado sindical, mas num momento de mudança, quando o Ciro Garcia foi presidente do Sindicato dos Bancários, foi

um momento difícil. Como delegado sindical, tinha que estar em todas as greves e piquetes, nunca ficávamos na própria agência de trabalho, mas a minha agência era de concentração de piquete, então às vezes, tinha que ir pra lá. Isso teve um ônus, a pessoa fica visada, mas passou. Entrei no banco em 1982 e, em 1998, pedi uma licença sem vencimentos. Em 2000, não voltei mais e pedi demissão.

DV – Foi quando entrou para a Fundação Bento Rubião?

Itamar – A fundação foi criada em 1986. No final de 1988, eu ia lá como voluntário. Em 1991, eles pediram para eu coordenar uma pesquisa, apoiada pela Fundação Ford, sobre mudanças ocorridas nas favelas nos anos 1980. Isso me prendeu um pouco mais e comecei a ganhar um pró-labore. Até então, nunca havia ganho um tostão a partir do meu trabalho em movimentos sociais, isso me dava muita liberdade de ação. Foi muito duro para mim quando, no final da licença-prêmio, em 2000, tive que escolher e só receber da Fundação Bento Rubião. Para mim, era um problema gravíssimo ficar na dependência de uma relação política de um projeto que ajudei a construir. E tinha também a questão do salário, não tinha mais alternativa, tinha que pensar na sobrevivência. Mas não queria mais voltar para o banco, não tinha como suportar mais essa dualidade. O trabalho na fundação foi muito importante, conheci ali vários militantes e lideranças de outras favelas. Isso abriu muito meu leque de atuação em favelas, pude ir para zona oeste, zona norte.

DV – O Grupo ECO é o projeto da sua vida. Como funciona?

Itamar – Eu falo que o Grupo ECO é o projeto da minha vida porque é mesmo. Tenho dificuldade de trazê-lo para as instituições onde trabalho porque é um projeto autônomo, reflete muito a minha trajetória. Ele foi criado em 1976, com o Jornal ECO, foi o pontapé da minha militância. Em 1977, não se falava de ONGs, havia instituições de assessoria dos movimentos populares e os movimentos de base. A partir de 1980, com a volta de muitos exilados, começam a aparecer novas instituições, como o Ibase, que é de 1981. Dentro das favelas, há uma relação de consultoria e assessoria com essas instituições. Já no início dos anos 1990, essa relação muda. A cooperação internacional passa a financiar diretamente ações no próprio território e os movimentos passam a se institucionalizar.

O Grupo ECO é um movimento, a gente nasceu como um movimento para ampliar a divulgação sobre a favela, mobilizar. Particularmente, tenho muita dificuldade quando as pessoas chamam o ECO de ONG, pois ONG tem uma estrutura, uma institucionalidade. É necessário que tenha, senão, não sobrevive. Por outro lado, acho superimportante ter flexibilidade, estar mais próximo de movimentos que de instituições. Dentro do Grupo ECO, a gente vive uma tensão forte entre ser uma instituição, uma entidade estruturada e essa possibilidade de continuar a falar como movimento, não sei como a gente resolve essa tensão.

DV – A colônia de férias é sua iniciativa preferida no grupo?

Itamar – A colônia de férias é o projeto que mobiliza mais gente, são 300 crianças de 6 a 12 anos, 50 monitores, todos foram crianças da colônia, e são 15 dias consecutivos, de domingo a domingo. É uma atividade que tem uma repercussão grande, que exige muitos recursos. Imagina ter que deslocar diariamente quase 400 pessoas para algum ponto da cidade. São necessários, no mínimo, seis a sete ônibus, é preciso criar uma dinâmica, uma metodologia de lazer, brincadeiras, disputas de conhecimento. E a gente faz isso tudo a cada ano sem ter certeza de que, no ano seguinte, vamos ter recursos para fazer novamente. Todos os meus amigos sabem dessa minha angústia, sempre em dezembro.

A motivação para criar a colônia veio de um vazio. Na volta das férias escolares, tinha aquela história de ter que fazer redação sobre as férias, quem viajou, quem fez o quê. Eu nunca tinha viajado, não fazia nada diferente. Ficar soltando pipa no morro, correr morro acima, morro abaixo, isso eu fazia todo dia, não era programa de férias. Uma colônia de férias preencheria isso, de forma que as crianças tivessem o que contar em seu retorno à escola. Essa é a perversidade: há a mistura de classes na escola, e a forma de condução reproduz as diferenças, os professores não percebem o que está acontecendo e o que aquilo pode produzir em cada aluno.

DV – Além da colônia, a informática é um ponto forte do ECO, certo?

Itamar – Sim, o Grupo ECO inaugurou o ensino de informática no Santa Marta. Em 1995, criamos a escola de informática, depois, criamos o primeiro curso de manutenção de computadores, depois o FOL (Favela Online), uma rede *intranet* criada por jovens do nosso morro pra conectar os jovens do

Santa Marta e jogar *Counter Stricke*. Fomos muito criticados na época por isso. Em um debate, perguntaram para mim: ‘Mas como vocês colocam o jovem dentro da favela pra jogar *Counter Stricke*?’. Falei: ‘Hoje, qualquer jovem de classe média joga *Counter Stricke*, por que esses jovens não podem jogar? Por que é violento? Então, vocês estão querendo dizer que eles vão se tornar marginais porque jogam *Counter Stricke*? E os outros, não?’. Foi uma luta grande.

DV- Atuando em movimentos sociais e ONGs, quais diferenças identifica nessas formas de articulação?

Itamar – As ONGs têm um lugar muito incômodo, sofrem a crítica dos movimentos sociais porque esses não veem legitimidade na atuação de uma ONG nessas relações, acham que o lugar da ONG é sempre o de assessoria. Houve um momento, principalmente durante as décadas de 1970 e 1980, que as ONGs tinham esse papel de assessorar os movimentos. O trabalho direto, a intervenção, a mediação política estava dada para os movimentos. Hoje, há um deslocamento desse lugar do papel das ONGs, pela ampliação do seu trabalho e da sua atuação e mesmo pelas possibilidades de novos contextos políticos, que vêm chamando as ONGs para outro tipo de atuação. Mas há uma tensão entre os movimentos e as ONGs. Em especial, no movimento de favelas, essa tensão é complicada porque como o movimento, ao menos no Rio, está fragilizado, as associações não redefiniram o seu papel, às vezes, essa crítica fica muito despolitizada, passa a ser uma crítica oportunista, carece de qualificação.

DV – E qual seria o papel da associação de moradores hoje?

Itamar – O lugar da associação mudou e a maioria dos moradores e das lideranças não percebe. No início dos anos 1980, período de redemocratização do país, havia novos ares sendo soprados para as associações e uma certa crença de que a transformação viria a partir desse local e que essas instituições tinham um papel determinante na relação com o Estado, novos formatos políticos, nova cultura política, junto com a discussão partidária, com a chegada de novos partidos.

Na minha interpretação e na minha experiência também, a associação ficou refém da burocracia e do fisiologismo, da relação com o Estado. Poucas foram as entidades que conseguiram manter uma certa autonomia nessa

relação. A maioria ficou prisioneira não só do Estado, mas das relações políticas e partidárias. Isso é uma contradição porque nós, do movimento de favelas, sempre dissemos que o Estado tinha que assumir a luz, a água nas favelas, essa sempre foi a nossa luta, a nossa bandeira. Quando esse Estado chega, com essa possibilidade, a gente reclama: 'E aí, o que sobra para a associação fazer, qual o meu papel nessa história?' Aí, vem um nó porque não se conseguiu coletivamente construir uma alternativa. Hoje, certamente, o papel da associação mudou, mas a gente não conseguiu redefinir esse papel. Há uma reprodução do que há de pior, de tudo o que a gente não gostaria que fosse, que é a cristalização de lideranças sem a necessidade do respaldo da maioria, da base, é um drama que estamos vivendo.

DV – Voltando a sua trajetória, pelo que descreveu, com apenas 20 anos, você estava no meio de um turbilhão, certo?

Itamar – Sim, digo que 1976 foi um ano fundante na minha vida. Nessa época, descobri uma outra igreja, conheço a família Boff, tanto o Clodovis como o Leonardo; o Agostinho, no Santa Marta, um grupo de jesuítas bem interessante. Em 1980, estávamos começando a discutir as teses do PT e tinha um grupo de conhecidos de um amigo meu do Santa Marta que estava em Goiás, na área de Juçara e Itaguaru, na passagem por Goiás Velho. Fiquei 20 dias por lá, durante as minhas férias, para conhecer essa experiência. Foi quando conheci Dom Tomás Balduino, Dom Pedro Casaldáliga, isso tudo foi um marco para mim. E fiquei encantado ao chegar no sul do Pará e encontrar uma comunidade sem padres, mas com irmãs fazendo as celebrações. Foi um choque e uma provocação muito grande.

DV – Como foi essa viagem ao Pará?

Itamar – Essa viagem foi em 1981. No grupo da igreja do Santa Marta, tinha uma menina chamada Denise Pena, que é sobrinha do Dom Alano, bispo do Pará, e foi trabalhar na área de saúde de lá e nos convidou para visitar. Aí entra muito a questão política que estava quente na época nessa região, toda a história do Araguaia, é uma região que concentra muitos militantes. Primeiro, fui para Marabá. De lá vou para Palestina, região onde fiquei por mais tempo, onde há um dos entrecruzamentos da Transamazônica. Nessa época, trabalhava na Embratel, já estava há 31 dias no Pará e não queria voltar. Tive uma febre muito



alta e estava justamente lidando com o pessoal que tinha malária, por isso achei que fosse malária. Mas era só uma infecção porque lá eu comia de tudo. Acabei voltando para casa, pensando em resolver minha vida e um dia voltar. Mas nunca voltei. Aí, vi que havia coisas mais importantes para fazer na favela, mas fiquei tentado.

DV – Quando entrou de fato para a Pastoral de Favelas?

Itamar – Na Pastoral mesmo, só vou passar a atuar no início de 1977. A Pastoral começa a se fortalecer no Rio de Janeiro. Ela compra a briga contra a remoção do Vidigal. O advogado Bento Rubião assume essa causa e entra com uma ação contra a remoção. A partir desse evento, a Pastoral passa a se reunir cada mês em uma favela. Antes de cada reunião, havia uma reunião preparatória, realizada uma semana antes. Eu nunca fui agente de pastoral, nunca tive uma militância de grupo jovem de igreja, nunca fui contratado pela arquidiocese, mas sempre estive militando nessa área.

Minha grande frustração, e posso dizer isso hoje, é que existiam os cursos do Ibrades, curtos e longos, de formação de agentes para

jovens aqui no Rio, que eram muito bons, formavam gente do Brasil inteiro. Meu maior desejo era fazer um curso desses. Mas eles nunca me convidaram. Nunca tive nenhum vínculo formal com a Arquidiocese ou com a igreja, mas nesse período circulei nessa praia.

DV – Qual foi a importância dessa experiência para a sua formação?

Itamar – Foi fundamental porque a Pastoral foi o grande guarda-chuva da esquerda, ao menos na área urbana. Depois, quando veio a redemocratização, os partidos, a gente foi percebendo quem era quem, quem estava no partido a, b ou c, quem era comunista, quem não era. A Pastoral abrigava todo mundo, era um grupo de militantes, voluntários que se camuflavam ali como católicos militantes e essa convivência foi muito interessante. Depois, cada um foi encontrando seu nicho.

DV – Nessa atuação, sentia alguma tensão ou possibilidade de repressão?

Itamar – Esse período foi de final de 1976 a 1981. O movimento de favelas e a Pastoral já estavam entrando na pauta do direito, da questão do uso capião. Naquele momento, existia o uso capião rural, de 20 anos, e já havia uma briga jurídica para se conquistar o uso capião urbano, que dava o direito àquela terra após cinco anos de moradia. Fizemos parte dessa luta por esse instrumento que poderia permitir que as favelas não fossem removidas.

O que vamos sentir é que as disputas já estão acontecendo dentro do próprio movimento de favelas. A Pastoral representa apenas uma parte desse movimento, havia outra parte que estava fora e chega por outras conotações, como o chaguismo. O movimento de favelas está marcado pelos autênticos, muitos no guarda-chuva do MDB, e os chaguistas, que parte são do MDB, mas, na luta política, já se distinguem entre progressistas e reacionários.

A grande disputa que vamos acompanhar nesse período foi entre Irineu Guimarães, que escolhemos para ser nosso ponta de lança, e Jonas Rodrigues, que representava o chaguismo. Essa disputa vai permear todo esse período e vai permitir que novas lideranças apareçam nas associações de moradores de favelas. Vai permitir também que se explicitem algumas diferenças. Por exemplo, o Irineu Guimarães passa de nosso representante a inimigo. Quando vem a reformulação partidária, ele assume a sua porção MR-8, a gente descobre quais são as correntes políticas nas quais cada um estava ancorado.

DV – Na década de 1980, várias lideranças comunitárias foram chamadas para ser agentes administrativos. Você viveu essa experiência?

Itamar – Vivi, foi em 1985, durante o governo de Saturnino Braga na prefeitura do Rio. Na época, trabalhava no Banco do Brasil e tinha um conhecido que era secretário de Desenvolvimento Social, e me convidou para coordenar o setor de Ação Social. Era um setor pequeno, então resolvi aceitar. Para isso, utilizei três meses de licença-prêmio. Foi muito difícil. Cheguei no setor cujo coordenador anterior era do PDT, um “brizolista”, um jornalista querido pela equipe, que também era partidarizada. Claro, eles tinham certa tolerância comigo porque eu era do movimento, era reconhecido, então não havia agressão direta, mas, também, era de uma inércia, de uma letargia absoluta, ninguém fazia nada naquele setor. Fiquei 15 dias tentando resolver coisas, mas não tinha nenhuma informação. Depois, tive um problema burocrático. A secretaria não conseguiu que o Banco do Brasil me liberasse para fazer esse trabalho. Trabalhei três meses, de graça, voltei para o banco e deixei a secretaria. Confesso que não tenho saudade e dificilmente repetiria essa experiência. A dinâmica do poder público é complicada.

DV – E quanto a uma candidatura mesmo?

Itamar – Candidatura ja-mais! Entrei no PT no final de 1981, a quarta zona foi minha base de militância, fui do diretório nacional. Mas nunca pensei na possibilidade de me candidatar. Quando Gilson, meu tio, foi candidato, em 1982, havia uma discussão de nomes e o meu era uma das possibilidades, eu era presidente da associação de moradores. Mas acho que não tenho perfil para parlamentar. Defendo a participação popular no parlamento, mas eu não sou a pessoa adequada para isso. Politicamente, é importante, mas não é a minha praia, não me vejo como parlamentar.

Acho que sou meio ingênuo no que se refere à política. O que busco na minha vida é ser coerente com o que penso, mas a partir do exercício da vida, nunca planejo muito, não tenho uma meta que queira alcançar, deixo as coisas acontecerem. E tenho muito cuidado de não ser incoerente, não pregar uma coisa e fazer outra. Se me perguntarem se eu tenho um medo na vida, eu tenho! De me pegar numa incoerência, de falar uma coisa e fazer outra, eu não gosto, acho feio. Todo mundo

pode mudar, mas mudar de forma consciente, assumindo as consequências. Mas deixar que a incoerência trace os caminhos é complicado.

DV – Como foi a experiência à frente da Faferj?

Itamar – Foi muito interessante. Vou participar dessa luta contra o Jonas Rodrigues ao lado do Irineu. A gente assume a Faferj em 1981 e aí sai o primeiro jornal dessa nova direção. Estava-se discutindo a reformulação partidária, aí já estou formado, terminei Jornalismo em 1980. Então, quis escrever uma matéria e, atrevido que sou, quis escrever sobre reformulação partidária. Na reunião de pauta, todo mundo concordou.

Fui pra casa, pesquisei em várias publicações, tentando ser jornalista ao extremo. Fiz uma matéria de cinco, seis laudas, e mandei, porque nessa reunião eu não pude ir. Alguns dias depois, quando o jornal saiu, fui ávido procurar minha primeira matéria publicada. Não achei. Até que encontrei na segunda página um *boxzinho* sobre reformulação partidária. Fiquei louco da vida. Aí é que me dei conta do que estava acontecendo, a Faferj já estava aparelhada. Era um aparelho do MR-8 e não tinha a menor chance de uma matéria que buscava uma certa isenção sair no jornal. Foi quando me afastei, comecei a batalhar outras coisas, aí já era oposição à Faferj, oposição à oposição. Às vezes, a ficha cai na marra, não discuti isso com ninguém, vivi esse momento e aí foi o rompimento com o Irineu e com o grupo. E vamos tentar construir um novo caminho até voltar à Faferj depois, em 1984.

DV – E essa gestão foi mais tranquila?

Itamar – Aí vai acontecer um outro problema. Estávamos durante o governo de Brizola, a gente escolhe como presidente o Naílton, de Vigário Geral, e são percepções diferentes também. O grupo se agrega ao Brizola, passa a ter uma relação muito direta com ele, que investe na reforma da sede da Faferj. E o grupo racha novamente, cada um vai para um canto. Nesse período, um fato que ajudou nesse meu afastamento foi que, naquele ano, acontecia em Moscou o Décimo Segundo Encontro da Juventude. Era um encontro internacional que acontecia sempre nos países comunistas. Em 1985, esse encontro foi aberto para todas as forças progressistas, de todos os partidos, movimentos sociais.

Aqui no Rio, teve a participação do movimento negro, da Faferj. O James Lewis coordenou a delegação brasileira, mas o Ivanir [Santos]

era o organizador. Um dia, ele chegou pra mim e disse: ‘Da Faferj, a gente queria que fosse você, como fazemos isso?’. Eu disse: ‘Não tem jeito, coloca em discussão na assembleia. Entre os diretores que têm menos de 29 anos, só tem eu e outro rapaz, vamos discutir’. Na reunião, a proposta foi apresentada e ficou resolvido que eu iria representar a Faferj. Só que, na reunião seguinte, o pessoal falou: ‘Não é o Itamar, quem tem que ir é o outro rapaz, que é comunista. Você não é comunista, Itamar’. Aí, me articulei bem. Fui para a Pastoral, discuti isso lá, convocamos outra assembleia e articulamos todos os diretores e suplentes. Aí, ficou certo que eu seria o representante do movimento de favelas nesse encontro.

DV – Foi a primeira vez que saiu do país?

Itamar – Foi mais do que isso, foi a minha primeira viagem de avião. Nunca tinha ido ali do lado de avião e minha primeira viagem foi para Moscou! Naquele momento, a empresa estatal soviética, Aeroflot, não fazia pouso no Brasil. Tivemos que sair daqui de ônibus



para Buenos Aires para pegar o voo para Moscou. Foi uma viagem que reuniu um grupo de artistas brasileiros, Martinho da Vila, Fagner, a Blitz, e vários grupos culturais chilenos que cantavam músicas revolucionárias. Daqui do Rio, tinha gente do movimento negro, de todos os partidos.

Quando entramos na cidade de Moscou, as estátuas de Lênin estavam por toda a parte, porque era aniversário da grande guerra pátria. Havia cartazes, retratos. Foi uma euforia. Para mim, a imagem de Lenin era algo absolutamente clandestino, toda a referência que tinha do leninismo, de publicação a broches, estava ligada à clandestinidade, ao que era perseguido. E quando chego ali, é o oposto, a ostentação. Aécio Neves e Sérgio Cabral Filho estavam nessa delegação, mas participaram de outras atividades. Cultural e politicamente falando, a viagem foi muito importante.

DV – O que representou conhecer a África muitos anos depois?

Itamar – A África é sempre um tema interessante. A vida toda alimentei, como muitos negros brasileiros, e não negros também, essa questão de um olhar para a África. Mas há todo um desconhecimento, ignorância e preconceito de pensar em uma determinada África.



Quando fui a Moscou, parei no aeroporto de Senegal, fiquei louco, pobre de mim. Volto a África quando vou a Tunísia, e encontro um país árabe, isso foi em 2006. Lá, não havia nada do que eu esperava, nem negros, ai meu Deus. Aí, fui aprender mais, entender que aquilo ali também é África, que a África fisicamente é isso, que tem essas diferenças.

A gente não aprende África no colégio, ou melhor, aprende sim, mas de uma forma estranha. Boa parte da história que aprendemos é sobre o Egito, Mesopotâmia, mas isso não leva o nome de África. Passamos anos na escola falando de uma determinada cultura, um determinado território, mas descolado da África. O que aprendemos sobre a África Subsaariana é aquela pobreza, aquela coisa folclorizada, escravos, quando, na verdade, é tudo diferente. Já estava muito impressionado com toda a história de Ruanda e como o mundo olhou para esse enfrentamento, para essa chacina coletiva. Parece que não nos damos conta de que são seres humanos que estão sendo dizimados, sem a participação do mundo em torno disso. Quando fomos ao Quênia, em 2007, por ocasião do Fórum Social Mundial, pudemos perceber também as diferenças culturais dentro de um mesmo país, perceber o que o Fórum produziu no cotidiano daqueles países que participaram.

DV – E a visita a Kibera?

Itamar – Temos essa mania de onde chegar, procurarmos favela. Lá no Quênia, encontramos uma superfavela, com 1 milhão de pessoas. Foi muito estranho, porque todo esse processo que vivi, e vivo, de pessoas que vêm visitar a favela, como uma invasão desse território, eu ali estava procedendo da mesma forma. Era um invasor, um turista, queria ser igual, mas ali eu era o outro, era diferente, não tinha jeito. Isso foi muito duro e difícil de lidar, essa contradição nos acompanhou o tempo todo nessa visita e foi muito importante. O aprendizado é ter mais tolerância com as relações que vivemos no cotidiano. Não tem uma receita, mas com qual respeito, como se permitir relacionar, qual o limite da aproximação dessas realidades.

DV – A visita a Angola, sendo um país lusófono, foi diferente?

Itamar – Sim, Angola de fato é um país muito mais próximo, irmão. Foi muito interessante estar lá. Primeiro, pela questão política. Sou da geração que lia os *Cadernos do Terceiro Mundo*, acompanhei os movimentos de libertação dos países africanos pelos *Cadernos*.

De alguma forma, tínhamos alguma informação e uma certa idealização de que um continente socialista, uma nova forma de organização política estava acontecendo a partir dali. E Angola tinha essa referência. Mas chegando lá, vou conhecer um pouco mais da história recente de Angola e perceber como a guerra, embora a gente pense que é algo já distante, não é. A guerra civil foi até 2002, estive lá em 2007, uma guerra que separou gente, matou gente, as marcas estão fisicamente lá, nos prédios, nas pessoas, na cidade. E a gente aqui, amigos Brasil e Angola, quase irmãos, assistiu ou nem percebeu que, durante dez anos, essa população passou por isso e ficou com essas marcas. Quando chegam angolanos aqui e a gente discrimina, é impressionante para mim essa relação. O Brasil é o país de maior população negra fora da África, mas, e vou dizer uma coisa forte: o Brasil não tem tolerância para os negros que chegam desta mesma África. O medo que as favelas provocam nesta sociedade também os africanos que chegam recebem. E quando a gente chega em Angola, se depara com um país que tem uma verdadeira idolatria pelo Brasil. Lá, se reproduz e se consome tudo do Brasil, até aquilo que a gente não quer, que consideramos lixo cultural, eles estão consumindo com a noção de que 'isso é Brasil'. E no entanto, isso não é de mão dupla. Estou desafiado a pensar nisso, a mudar essa história.

DV – Essa experiência de viajar, conhecer outros lugares, mas voltar para a favela, sempre, é uma marca?

Itamar – Gosto de viajar, gosto de conhecer novos lugares, mas essas experiências me encantam enquanto estou lá, eu aproveito, mas isso não muda o que penso, não faz eu querer deixar de estar aqui. A experiência mais forte que já vivi nesse sentido, me fez rir muito de mim mesmo. Em 2001, em fui a Nice, França, e fiquei três dias hospedado em um iate, era um encontro sobre energia. Não podia imaginar que era possível tanto luxo dentro de um iate, foram três dias comendo do bom e do melhor, tomando vinhos. No último dia, não pudemos ficar no iate e tivemos de mudar para um hotel, mas não nos mudaram para qualquer hotel, era o Meridien. Quando eu entrei no quarto, não acreditei no que via, o tamanho do quarto, a decoração, o banheiro era uma vitrine de perfumaria.

Curti bastante, no dia seguinte, tomei o avião de volta para casa. Cheguei no Galeão chovendo. Peguei um táxi para o Santa Marta.

Quando cheguei lá, estava um temporal, o carro não tinha condições de subir. Da escadaria do Santa Marta, desce lama, em uma chuva forte, se transforma em uma cascata de lama. E eu tinha que sair do carro. Saí, o carro foi embora, estava eu com uma mala na mão, olhando aquela cascata de lama descendo. Eu comecei a rir, ri demais. Arregacei as pernas da calça, botei a mala na cabeça e subi o morro às gargalhadas. Sempre fiz isso, mas, desta vez, estava voltando de Nice, de uma noite no Meridien. Depois disso, digo o seguinte: quero todas as mordomias possíveis quando elas forem possíveis, mas não posso perder a dimensão dessa realidade. E a volta ao Santa Marta é sempre interessante, não só por encontrar a família, encontrar os amigos, encontrar o meu lugar. É também a questão de não me deixar levar pela vaidade.

DV – Hoje, com a sua situação, poderia sair do Santa Marta, morar em outro lugar. Não tem vontade de fazer isso?

Itamar – Nada na minha vida é uma decisão pronta, é uma construção. Toda a história que contei aqui com relação à família, a descoberta de cada situação de desigualdade, vai reforçando em mim o quanto é importante estar no Santa Marta. Pode ser arrogância da minha parte, mas acho que contribuo de alguma forma estando lá. Hoje, posso sair do Santa Marta, talvez não da forma como eu gostaria. Porque, parece paradoxal, mas eu também tenho sonhos burgueses. Quero uma casa grande, com varanda, voltada para o mar, isso é legal para todo mundo, não abro mão dessas possibilidades. Mas não tenho condição para isso.

Embora seja mais fácil, tento sempre resistir às saídas individuais. É mais fácil pensar no meu caso, mas eu tenho família, irmãos, amigos, é um conjunto de pessoas das quais gosto muito e que não têm essa mesma possibilidade. Já que, para sair, eu não posso levar todo mundo, prefiro transformar esse lugar. Se a favela é digna para eu morar, ela tem de ser digna para eu criar meus filhos, para que outros criem seus filhos, para que outros cheguem. É nisso que eu acredito.

DV – Acredita que outros moradores do Santa Marta pensem dessa forma ou se considera diferente?

Itamar – Não sei, isso é muito pessoal. Acredito que esse não seja um sentimento majoritário, acho que muita gente que está no morro, quer sair. Trabalho com adolescentes e faço com eles a seguinte dinâmica: daqui a dez



anos, pensa onde você vai estar, como estará a sua vida. O que me impressiona é que toda possibilidade de felicidade desses jovens está fora da favela. É raríssimo aquele que está bem e que continua na favela, a maioria absoluta está fora. O drama disso é que a maioria vai estar na favela daqui a dez anos, senão nessa, em outra. Isso porque a nossa mobilidade social é muito baixa. Ao mesmo tempo, eles não veem ali a possibilidade de construir um futuro melhor, isso é o mais dramático. E é um ponto que insisto muito com meus filhos, sempre digo: 'O Santa Marta já foi pior, pode ser melhor. Mas não adianta acharmos que vai ter uma solução mágica, é preciso que hoje e aqui estejamos construindo para que o amanhã seja melhor'.

DV – Recebe de seus filhos alguma pressão para sair de lá?

Itamar – Dos meus filhos, não, da minha mulher, sim. Hoje, um está com 25 e o outro com 21. Acho que, quando forem mais velhos e tiverem grana, vão escolher morar em outro lugar porque eles querem, um dia, morar sozinhos. Certamente, se tiverem dinheiro, não vão querer comprar outro barraco.

DV – Os moradores veem sua família como elite?

Itamar – Não sinto isso com a minha família, talvez por misturar essa questão cultural

muito fortemente desde cedo, a Folia de Reis, o samba. Esse lugar que a família ocupa marca as nossas relações com a favela e a construção dela. A porta da minha casa está sempre aberta. O fato de eu ter estudado poderia fazer com que as pessoas me olhassem com certa distinção, mas se chover, estou com os pés dentro da vala, limpando como todo mundo. Se cair um barraco, uma caixa d'água, estou junto. Acho que isso também vai dando uma outra conotação sobre o lugar que nossa família ocupa no Santa Marta. As pessoas reconhecem minha trajetória, elogiam, mas, certamente, reconhecem o envolvimento da família nas várias dimensões da favela. Considero isso uma conquista.

Isso não foi uma receita, foi uma construção. Por exemplo, o Bloco Carnavalesco Império de Botafogo, primeiro bloco do Santa Marta, foi fundado em 1976, na casa do meu pai, ele era presidente e eu fui diretor durante três anos. Eu tinha que lidar com dinheiro, me meti a fazer samba, o primeiro samba que ganhou foi da minha autoria, tinha que organizar ala, o nome da minha ala era Ala dos Atrevidos. É uma mistura grande de estações, não dá para separar, estamos misturados nessa dinâmica.

DV – Seus filhos estudaram no Santo Inácio, um colégio particular, e você chegou a levá-los para a Disney. Como lidou com isso na favela?

Itamar – Isso tem a ver com a minha característica de ir e voltar para a favela, sempre achei que eles também tinham que exercitar isso. Mas ter dois filhos estudando em um colégio que concentra a burguesia carioca me trouxe vários problemas. Por exemplo, nos aniversários dos meninos, todos os colegas eram convidados e apenas dois iam a nossa casa para comemorar com eles. Mas eu também não abri mão de fazer em casa, fazer em casa de festa não tem porque, nossa casa é grande, sempre conversei isso tudo com eles. Eles sentiam um pouco, mas têm tantos amigos, tantos primos, isso é também uma dimensão legal da vida deles na favela. Meus filhos nunca foram criados separados dos meninos do Santa Marta, por isso não sentiam esse vazio, e as festas deles sempre foram muito animadas.

DV – Comparando o Santa Marta da sua infância e o de hoje, o que mudou?

Itamar – Agora, fica difícil fazer essa análise porque o Santa Marta está muito em evidência. A gente não pode olhar para essas mudanças a partir dos últimos seis meses, porque

há uma exposição muito grande na mídia, um investimento desmesurado do Estado nessa favela para ela ser exemplo. Mas digo que o Santa Marta vem mudando muito, ao longo dos anos, fisicamente e na sua composição, e nas dinâmicas internas também.

Se pensarmos que no Santa Marta, até 1983, tínhamos que encher barril para pegar água, isso significava que ter um banheiro com descarga não era possível. Quem podia tomar banho de chuveiro em casa, com água encaçada, aí sim era elite, isso só havia em meia dúzia de casas. Isso tem rebatimento direto na saúde, no tratamento, na vida das pessoas. Até 1982, a rede de energia elétrica era muito ruim, chegava nove horas da noite, a luz caía. Quem tinha dinheiro para investir em um transformador, tinha. O final dos anos 1980 são anos de mudanças e conquistas no Santa Marta. Entra a Light em 1982, e aí há uma melhoria fenomenal na questão da energia elétrica. Isso permite mudanças também no acesso à água, pois se tem um novo reservatório, uma nova bomba, que joga água diretamente para dentro do morro. Assim, a maioria pode canalizar água para dentro de casa, pode ter um banheiro decente, com descarga, chuveiro, não precisa mais colher água da chuva pela calha no telhado. Isso também faz com que as pessoas invistam mais nas suas casas. Se olharmos o Santa Marta a partir dos anos 1990, há uma mudança física mais por dentro das casas do que por fora, é uma diferença abissal. Desde a questão dos insetos, ratos, é um impacto direto na vida dos moradores que quem está de fora nem consegue dimensionar.

Isso também impõe mudanças culturais, mudanças fortes de relacionamento entre os vizinhos, mudanças de organização, de circulação interna. Hoje, também há muito mais jovens estudando e há uma dinâmica, uma sociabilidade a partir da escola bem mais interessante, eles trocam mais, se apoiam mais, são mudanças perceptíveis. Em relação ao acesso à universidade, ainda é uma mudança pequena, mas já infinitamente maior do que quando eu terminei a universidade.

DV – Qual é a população do Santa Marta hoje?

Itamar – Não há dados fechados sobre isso, há uma discussão. O Grupo ECO, que eu coordeno, afirma que são 1.500 domicílios e 7.500 moradores. Documento recente da Secretaria de Obras do governo do estado aponta que são 1.300 habitações, o número

de moradores bate com o apontado pelo Grupo ECO. Se nos basearmos na pesquisa feita em 2006 pela Semadur, aponta que o Santa Marta tem 5 mil moradores e 1.200 habitações, se você perguntar para a associação de moradores, vai escutar que são 10 mil moradores. Mas não tem, ficamos entre os 5.800 a 7.500, sei que é uma margem grande, mas é por aí. Posso praticamente afirmar que o Santa Marta está com 7 mil moradores, uma média disso tudo aí.

DV – Existe uma polêmica em torno do nome Santa Marta e o que a mídia divulga, Dona Marta. Como isso começou?

Itamar – O grupo do qual eu participo vem numa militância forte defendendo o nome de batismo, Favela de Santa Marta. Dona Marta entra na história porque o mirante chama-se assim, o acidente geográfico chama-se assim. Mas o nome de Santa Marta veio com o nascimento da favela, veio de toda a sua trajetória com a Igreja Católica. O padre Veloso chegou no pico do morro, a pedra fundamental foi uma capela, e disse; ‘Como Maria e Marta receberam Cristo para descansar, aqui vai ser um local de repouso desta comunidade’. Esse é o mito de origem do nome da favela, é um lugar de repouso desses moradores. Isso é muito significativo, é um lugar de repouso, mas também de resistência, lugar onde essa população construiu vida e vem até hoje. Por isso, é fundamental garantir essa identidade. Quando a imprensa trata de Dona Marta, está desconhecendo essa ocupação, essa trajetória, essa história, e está impondo outra história, outra dinâmica.

DV – Como avalia a situação da comunidade desde a ocupação realizada pelo Estado, em novembro do ano passado?

Itamar – Todas essas mudanças e a escolha do Santa Marta como referência de legalidade pelo governo do estado me preocupam bastante, porque as mudanças estão acontecendo com muita velocidade e os moradores não estão tendo tempo de absorvê-las, digeri-las. E de novembro para cá, tudo tem acontecido muito rapidamente, sem a participação da população, sem a reflexão dessa população, são mudanças impostas, e o saldo disso me preocupa bastante. Não importa se vai por um caminho ou por outro, é um caminho do qual a população não tem as rédeas, não tem o controle desse amanhã. Essas mudanças físicas estão impondo, por exemplo, uma

valorização absurda das casas, um chamamento de entidades, pessoas, turistas, e os moradores não sabem lidar com tudo isso. A minha preocupação é que quando a gente acordar, a cultura, a realidade local já vai estar completamente desenraizada.

DV – Como vocês estão lidando com a presença constante da polícia?

Itamar – Essa ocupação no Santa Marta traz a polícia como elemento central. A justificativa para ocupar é a presença do tráfico, todo mundo sabe que embora o tráfico no Santa Marta seja grande, o centro não está ali. O maior enfrentamento da PM não se deu no Santa Marta, que é um lugar controlável. Há 25 anos, o Santa Marta tem um DPO, um posto de polícia na entrada do morro, desde a guerra do “Zaca” e do “Cabeludo”. Há cinco anos, tem um outro DPO no alto do morro, na casa que foi do Marcinho [Marcinho VP]. Uma favela do tamanho do Santa Marta tem dois DPOs, com policiamento dia e noite, e continuam falando que o tráfico ali é a pior coisa do Rio de Janeiro, tem alguma coisa errada.

Ou esse tráfico não é tão ameaçador como se diz, ou os acordos são muito fortes que permitam essa convivência durante muito tempo. É essa pergunta que a sociedade não se faz. E ela aceita esse discurso. Os moradores sofreram outros problemas de opressão, de falta de liberdade, com a polícia do seu lado e sem poder contar com essa polícia. São 120 homens, todos novos, se você olhar para os policiais que estão no Santa Marta, são uns garotos, todos no processo de capacitação, recebendo um *plus* para fazer um curso e poder atuar nessa frente. Existe toda uma roupagem que sinaliza para a sociedade que existe uma nova polícia, uma nova forma de lidar com isso.

Por outro lado, essa inovação tem pouca consistência. Por enquanto, há muita desconfiança, até que ponto isso se sustenta? Acredito que o Santa Marta seja controlável, por isso o Estado o escolheu. Agora, é replicável essa experiência? Isso a gente vai ter de ver no processo. Se, seguindo a proporção do que está sendo feito lá, a polícia tiver de colocar 120 homens em cada favela, vai ter de aumentar muito o seu efetivo, abrir mais concursos públicos para a polícia. Se pegarmos como exemplo Rocinha, Alemão, Manguinhos, Jacarezinho e pensarmos nessa proporção para manter o controle, vai ser complicado.

O problema também tem a ver com o jeito como é feito. A princípio, a ocupação do Estado é policial e se deseja partir para uma ocupação

social. Só que o protagonismo estava sendo da Secretaria de Segurança. Tanto é que a comandante Priscila, que foi escolhida para comandar esses homens, foi escolhida a dedo. É uma mulher, jovem, negra, muito tranquila, bem preparada, aguenta o tranco, e está lá. Essa mistura de mãe responsável, para onde todos os problemas convergem, essa imagem que foi criada pela imprensa a partir dessa figura, é muito complicada. E isso eu falei para a comandante Priscila, porque para o morador de favela só existem duas possibilidades: ou ele está sob a batuta do tráfico ou da polícia, ainda que seja de uma polícia legalzinha, boazinha, mansa. Não há espaço para o exercício da sua cidadania, da sua liberdade, da sua crítica.

DV – Como isso tem funcionado?

Itamar – Da mesma forma que não se podia criticar o tráfico, também não há espaço para criticar a atuação da polícia. Ao primeiro momento de crítica que houve, a polícia reagiu de forma violenta. Eles tinha proibido bailes depois das duas horas da manhã, quando jovens, voltando de uma noitada, foram para rua e começaram a zoar, a fazer barulho perto do DPO. A polícia reagiu com cassetetes, com bombas. Então, esses mesmos jovens que sofrem quando o tráfico está presente, são os mesmos que sofrem o controle, a ação violenta da polícia. Nessa conversa com a comandante Priscila, que ocorreu em uma reunião aberta, comecei dizendo que não ia falar para ela, que eu respeitava o lugar dela, eu ia falar para os moradores. Já naquele momento, estava preocupado com o muro. Eu digo, a polícia é a polícia, por mais que a comandante Priscila tenha a voz mansa, um olhar plácido, ela é a PM e tem que responder à lógica da PM. Se a coisa apertar, ela vai agir como PM, não como amiga. Falei para os moradores: ‘Ou a gente se organiza e discute os nossos problemas entre a gente, com liberdade, e cria uma estratégia de enfrentar esse momento, ou vamos ficar cada vez mais subordinados à dinâmica do Estado’. É o que está acontecendo.

Por que cabe à polícia e à comandante Priscila decidir se uma festa vai até duas, três ou quatro da manhã? Sobre isso, ela disse para mim: ‘O que vale para Ipanema, vale para o Santa Marta, lei é lei’. Eu disse: ‘Não, lei não é lei, as leis respondem a determinadas conjunturas, a determinados arranjos sociais. Por que algumas leis pegam lá embaixo e não servem aqui? Você aciona lá embaixo, mas quando aciona aqui, elas não têm resultado? E aproveitando,

se lei é lei, por que a comandante pode definir o horário? O que diz a lei? O que vai definir é um acordo entre esses moradores, essa convivência é que tem que definir quais são as normas possíveis aqui nesse lugar’.

Então, essa mediação não é a polícia que deve fazer, tem de ser outro elemento. Isso é complicado, é duro porque, na relação com a polícia, os moradores ficam nervosos, começam a falar coisas, alguns não sustentam a denúncia até o final, ficam com medo e a polícia vai neste ponto, ‘Prova!, Faz a denúncia!’, e a gente sente a população recuando, isso não é diálogo. A polícia já tem um lugar de poder reconhecido e na relação com os moradores, já exerce essa opressão, essa subordinação.

DV – E a questão dos muros nas favelas?

Itamar – Vejo com indignação a decisão do governo do Estado de murar as favelas do Rio. Pensei que havíamos superado essa alternativa quando conseguimos dissuadir o então vice-governador Luis Paulo Conde de construir muro na Linha Vermelha, ao longo do Complexo de Favelas da Maré.

No entanto, a proposta reaparece com força, travestida de proteção ambiental e com o apoio da mídia, em especial do jornal O Globo. Desta vez, o governador apelou para o argumento ambiental, procurando atenuar

o caráter discriminatório presente nessa política que reafirma e cristaliza a segregação espaço-social em nossa cidade.

A opção de murar favelas e começar pela zona sul é a evidência de que a iniciativa tem um caráter político eleitoral: visibilidade das favelas nas áreas de maior poder aquisitivo da cidade. O Estado quer mostrar que está contendo o crescimento das favelas. No entanto, a favela onde vivo, ao longo dos seus mais de 70 anos de existência, não expandiu sua área de ocupação. Pelo contrário, o Santa Marta encolheu seu território. Os moradores que vivem mais próximos à mata que ladeia a favela, entram na mata para apanhar frutos, brincam em suas pequenas clareiras, plantam verduras próximos as suas casas e se beneficiam da convivência com a mata. Esse é um exemplo claro de um bom relacionamento entre esses dois espaços.

Agora, nesse projeto de urbanização, a nossa perspectiva era de que ou o Estado voltaria a perseguir a proposta inicial, que previa a construção de plano inclinado nos dois lados do morro, ou, aproveitando o hábito dos moradores, estimulariam atividades de educação ambiental, valorizando essa convivência. No entanto, o muro vem na contramão de tudo isso e é um entrave na perspectiva daqueles que querem e lutam por uma cidade democrática e inclusiva. ■

Participaram desta entrevista

Entrevistadores(as)

Do Ibase:

Ana Bittencourt
Cristina Lopes
Diego Santos
Dulce Pandolfi
Fernanda Carvalho
Francisco Menezes
Gabriel Gonçalves
Jamilé Chequer
Laura Burocco
Marina Ribeiro
Mariana Dias
Nahyda Franca
Patrícia Lânes
Renata Lins
Rogério Jordão

Convidados(as):

Cleonice Dias e
Mario Osava,
do Conselho Editorial
da DV; e
Paulo Magalhães,
da CEF

Decupagem

Ana Bittencourt
Diego Santos

Edição

Ana Bittencourt

Fotos

Marcus Vini

Produção

Geni Macedo

